



## *Lenira Borges, uma vida para a dança*

Lenira Borges trabalha com tenacidade, devagar, investigando, abrindo portas para que cada um encontre sua expressividade. Mestre de muitas gerações de bailarinos, ela percebe o caminho dos movimentos e ensina a formar frases com eles, encadeando um gesto ao outro em busca dos infinitos encontros do corpo e da alma.

Professora por vocação, Lenira lecionou em várias cidades, como Curitiba, Rio de Janeiro, Petrópolis, Teresópolis e Três Rios. Mas foi em Vitória que contribuiu de maneira decisiva para desenvolver a arte da dança no Brasil, não só pelo pioneirismo no ensino da dança, mas também pela formação de inúmeros artistas.

Capa: Lenira no Theatro Carlos Gomes; e p. 2, 4-5, 6: Lenira com alunas na Academia Lenira Borges 2011. Fotos: Danielle Duarte; acervo Lenira.

Guardas: *Bolero de Ravel* (1956), de Lenira Borges, com Lenira ao centro. Aula na Academia Lenira Borges, 1986. Foto: Bianca Romano. Lenira com Paulo Augusto Amendoeira (1914-2004). Lenira em diferentes momentos da vida.

Na ilha, fundou a Academia Lenira Borges — Ballet Studio, trouxe a metodologia da Royal Academy of Dancing (Londres), formou o Grupo Experimental de Dança do Espírito Santo, trabalhou em programas sociais e sempre esteve envolvida na luta por maior reconhecimento da profissão e por melhoria da condição dos artistas. Em 2011, completam-se 50 anos de sua chegada a Vitória; e, dia após dia, ela continua colocando em contato com o mundo da dança não só os alunos, mas também o público que assiste a seus espetáculos.

### ***Primeiros passos***

Lenira nasceu Lenita Cardoso Borges em 1º de maio de 1923, em Porto Alegre, filha de Fontoura Borges do Amaral e Melo (1900-1971) e Orcelina Cardoso Borges (1902-1925). O nome Lenira era preferido pela família do pai, e o Lenita, pela da mãe. Então, desde pequena, ela se acostumou a responder pelos dois nomes. Ainda bebê, perdeu a mãe e foi morar com a avó materna, d. Carlota Alfama Cardoso (1876-1972), em Porto Alegre. Foi uma época de muitos mimos da parte dessa avó. Já o irmão, Aulo Gélío Borges (1921-2010), foi ficar com a avó paterna numa fazenda em São Francisco de Paula, no interior gaúcho.

Em 1931, o pai se casou com Cássia Seara Borges (1907-1978) e buscou os filhos para integrarem a nova família em Santa Catarina. Lenira

ganhou mais irmãos: Mauro Fontoura (1927-1978), Mary Alice, Márcio Luis (1931-1993) e Marne José. Uma nova vida, com muitos aprendizados: “Fui me acostumando gradativamente com o tanto de novo que estava vivendo. E minha madrastra foi uma pessoa fundamental para que isso acontecesse com naturalidade”.<sup>1</sup>

Dois anos depois, todos voltaram para Porto Alegre, cidade onde Lenira deu seus primeiros passos de balé, aos 12 anos. Estudou com uma das grandes mestras da dança do Brasil, Tony Seitz Petzhold (1914-2000). A condição imposta pelo pai para ela aprender o balé foi jamais subir ao palco numa apresentação profissional de dança. O mundo perdeu com isso a chance de ver essa bailarina na cena, mas ganhou a dedicação e o empenho dessa grande professora.

Mais tarde, a família se mudou para o Rio. Foi um tempo de aprimoramento e oportunidades na dança, quando Lenira estudou com grandes mestres, como Tatiana Leskova, Vaslav Veltchek (1896-1967), Vera Kumpera e Walter Nicks (1925-2007). Com eles, assimilou os componentes rítmicos, as técnicas de movimento e as diferentes qualidades do gesto, mas também aprendeu a preencher com sua própria vibração o espaço da dança.

A carreira de professora começou ao lado da irmã Mary, no clube Círculo Militar do Paraná (Curitiba), algum tempo antes da mudança para o Rio. Mas foi em Petrópolis que ela se firmou como grande

10 professora ao fundar, em 1953, o curso de dança clássica na Escola de Música Santa Cecília e no Colégio Sion, onde lecionou até 1961. Sua presença mudou a dança em Petrópolis, tanto pelas aulas quanto pelo movimento artístico que iniciou. Em 1954, por exemplo, Lenira criou o Festival Petropolitano, em comemoração ao centenário da cidade; nele se apresentaram Tatiana Leskova, então diretora do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e bailarinos profissionais dessa companhia. O espetáculo aconteceu no jardim do Museu Imperial e foi notícia nos jornais de Petrópolis e do Rio.

De 1953 a 1961, Lenira se dividiu dando aulas no Rio, Petrópolis, Teresópolis e Três Rios. “Realizo-me todos os dias através do desenvolvimento artístico que cada uma das minhas alunas apresenta. Emociono-me ao perceber a graciosidade e leveza dos movimentos que as meninas adquirem progressivamente. Orgulho-me de ter como alunas pessoas que estão praticando essa arte em diferentes lugares do mundo.”<sup>2</sup>

1 *Czardas* (1954), 2 *Début* (1960), 3 *Ciganas* (1960) e 4 *Escocesas* (1960), coreografias de Lenira Borges. Fotos: Arpad; acervo Lenira.



1 2  
3 4





### *Terra nova*

No início da década de 1960, ela adotou Vitória como sua segunda terra. Veio para rever os pais e irmãos e apresentar a filha, recém-nascida.<sup>3</sup> Rosana é filha de Lenira com Paulo Augusto Amendoeira (1914-2004), que ela conheceu na barca da baía de Guanabara, quando voltava com amigos de um passeio pela ilha de Paquetá. Era Carnaval, e trocaram olhares ainda na travessia; na descida, os amigos se dispersaram, Lenira aparentemente ficou sozinha, mas a seu lado estava Paulo. Os dois caminharam juntos até a casa dela. Começaram uma amizade que se tornou casamento, mesmo a contragosto do pai de Lenira — Paulo era desquitado e tinha filhos. Durante oito anos, ela ficou longe dos pais. O nascimento de Rosana a trouxe para perto da família, na terra onde criaria um novo mundo por meio da dança.

Em agosto de 1961, começa o Lenira Borges Ballet Studio, no Colégio Ângela de Brienza. Em outubro, a academia passa a funcionar no parque infantil Maria Queiroz de Lindenberg, na rua Chapot Presvot, 89. Muitos alunos dançaram nesse endereço, que ainda hoje é sua academia — um espaço de referência na dança da cidade.<sup>4</sup>

**1** Ensaio de *Vila Rica* (1977), de Renato Magalhães. Foto: acervo Lenira. **2 e 3** *Formas e Cores* de Lenira Borges (1965). Fotos: Walber, acervo Lenira. **4** Ensaio de *Pas de Quatre* (1978), de Renato Magalhães, Foto: acervo Lenira.

O começo foi árduo, pois não havia tradição e sentia-se mesmo algum preconceito para com essa arte em Vitória. Nos dois primeiros anos, Lenira teve uma única turma, com 26 alunas. Em 1963, suas alunas participaram do II Encontro das Escolas do Brasil, realizado em Brasília, com organização do embaixador Paschoal Carlos Magno (1906-1980). Pela oportunidade de trocar experiências, foi um momento marcante.

Em busca de uma metodologia aprimorada, ela integrou a primeira turma brasileira de formação pela metodologia da Royal Academy of Dancing, curso que Valery Taylor ministrou na academia de Dalal Achcar (Rio de Janeiro). Lenira passou a adotar esse método em suas aulas, e as alunas foram aos poucos crescendo não só em número, mas também em qualidade. A partir de 1964, a cada final de ano, ela promovia o Festival Capixaba de Ballet, com apresentações das alunas. O nome ainda mudaria para Festival Lenira Borges Ballet Studio e, depois, começaria a variar segundo os temas dos espetáculos. Sua atuação não se limitou a Vitória: manteve um curso em Cachoeiro de Itapemirim, de 1966 a 1971, e em Linhares, de 1980 a 1985. Vale lembrar que Paulo sempre esteve nos bastidores do trabalho, administrando a escola, dando ideias e apoiando as ações que Lenira inventava.

1 *Paqueta* (1984). 2 *Suíte Clássica* (1985, *Pas de Deux*). Foto: acervo Marta Bogéa. 3 *Don Quixote* (1982) e 4 *Suíte Clássica* (1985), coreografias de Renato Magalhães. Fotos: acervo Lenira.





No início, os espetáculos ocorriam no Theatro Carlos Gomes,<sup>5</sup> que nesse tempo estava em mau estado de conservação. Ele sempre precisava de uma boa faxina e dos muitos acertos que as alunas e a equipe da Lenira faziam para apresentar-se lá.

Movimento e determinação sempre fizeram parte de sua vida. Insatisfeita com a falta de espaço próprio para as artes, e sendo uma batalhadora de espaços para a dança, ela, ao lado de outras pessoas, foi uma articuladora da reinauguração do Carlos Gomes, em 1970, na gestão do governador Cristiano Dias Lopes. O espetáculo teve a participação de seus alunos e de bailarinos profissionais do Municipal do Rio, com coreografias de Dalal Achcar.

Reconstrução, inscrição, consciência, entrosamento com o mundo — os espaços da arte e da vida foram cunhados nos corpos em movimento. Cada um dos passos de Lenira, com seu ritmo próprio, gerava mudanças no entorno, fazendo circular informações e dando existência a uma nova realidade.

No alto, *Paqueta* (1984); embaixo: *A Deusa de Ébano* (1984), coreografias de Renato Magalhães.  
Fotos: acervo Lenira.

### ***A linguagem do corpo e da alma***

18 A dança é um trabalho de transformação consigo mesmo. Uma luta diária pela própria capacidade de expressão. Como diz Judith Ottoni, uma das ex-alunas: “Aqui chegou Lenira Borges numa época em que dançar balé não era coisa para moça de família. Determinada a transformar essa imagem da bailarina, não esmoreceu em nenhum momento”.<sup>6</sup>

Sua atuação não se restringe nunca à sala de aula, ela procura instigar e ampliar a visão do mundo. A dança tem de conectar-se ao mundo, elaborar-se na realidade. Com esse espírito, Lenira criou em agosto de 1976 o Ballet Studio — Grupo Experimental de Dança do Espírito Santo (Gedes).<sup>7</sup> Ele, que reunia os melhores alunos da academia, fez sua pré-estreia na III Semana de Arte de São Mateus. A estreia oficial se deu no Carlos Gomes, para o VII Festival Capixaba de Ballet. A criação do Gedes expressava o ideal de difundir a arte da dança clássica, levando o estado do Espírito Santo a ser reconhecido como polo cultural naquele âmbito.

Lenira dava aulas de dança clássica, mas sempre teve abertura para entender a amplitude dos gêneros dessa arte. Visando a formar bailarinos versáteis, convidou grandes nomes da dança para dar cursos e/ou

No alto: *Em 3/4* (1993), de Tíndaro Silvano; embaixo: *Poemas Infantis* (1993), de Lúcia Vieira.  
Fotos: acervo Lenira.



coreografar para seus alunos. Assim, passaram por Vitória personalidades emblemáticas da dança como Eliana Karin, Mônica Ballalai, Renato Magalhães (1934-2008), Renato Vieira, Otis Brockington, Dalal Achcar, Mercedes Baptista, Ciro Barcelos, Sylvio Dufrayer, Tíndaro Silvano, Lúcia Vieira, Raimundo Netto, Desmond Doyle (1932-1991) e Helena Lobato.

20

Desde o início, ofereceu bolsas de estudos para aqueles que não podiam arcar com os custos das aulas. De 1992 a 1993, a convite da prefeitura de Vitória, lecionou balé para crianças carentes na Escola de Teatro e Dança Fafi. De 1997 a 2001, a convite da Ação Comunitária do Espírito Santo (ACES), deu aulas no bairro de Santa Tereza em Vitória; era o Projeto Pequenos Talentos — O Balé ao Alcance de Todos.

Professora muito exigente, Lenira soube sempre reconhecer a capacidade e o talento de cada um, formando grandes nomes da dança capixaba. Para ela, é preciso “amar a dança, porque não é uma carreira que dá muito dinheiro [...]. Tem que amar muito a dança [...]. É muito sacrificado”.<sup>8</sup>

Alguns de seus alunos permaneceram no estado, entre eles Karla Ferreira, Mitzi Marzutti, Ingrid Mendonça e Mônica Tenore. Karla comenta: “Ela preparou a gente para a vida. Foi um treinamento para estar em cima das pontas e cair das pontas e não desistir”. Ingrid completa: ela chegou aqui “num momento que ninguém sabia o que era aquilo [...] foi um desbravamento [...] é uma guerreira — isso é o que faz a gente feliz”.<sup>9</sup>

Outros de seus alunos romperam as divisas do Espírito Santo e foram dançar em grandes companhias do Brasil e do mundo, como Joseny Coutinho (Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro), Armando Aurich (Balé da Cidade de São Paulo), Livia Rangel (Balé de Minas Gerais e Meia Ponta Cia. de Dança, Minas Gerais), Letícia Muniz (Altenburg-Gera Theater, Alemanha) e a própria autora deste texto (Grupo Corpo e São Paulo Companhia de Dança).

21

Por seu trabalho, recebeu vários prêmios e homenagens, entre elas o título de Cidadã Espírito-Santense (1989); o Diploma de Honra ao Mérito, pelo Dia Internacional da Mulher, da Câmara Municipal de Vitória (1995); o de Personalidade Feminina do Século 20, pelo Dia Internacional da Mulher, da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (2001); a Medalha de Mérito Artístico do Sindicato de Ballet do Rio de Janeiro, pelas mãos de Elba Nogueira, presidente daquela entidade (1996); o diploma do Mérito Artístico da Dança no Estado do Espírito Santo, do Conselho Brasileiro da Dança (2005); e a homenagem no I Aldeia Sesc de Dança, no Teatro do Sesi de Vitória (2009).

Aos 88 anos, Lenira permanece renovadamente capaz de catalisar forças ao redor, querendo transformar a vida cotidiana no rumo da imaginada — uma vida comunitária, construída passo a passo, da maneira que cada um de nós, inspirado por ela, for capaz de inventar.





1  
2  
3  
4



## Notas

- 1 Roberta Lacerda. *Lenira Borges, uma Vida Dedicada à Dança*. Vitória, 2005. Trabalho de conclusão do curso de jornalismo.
- 2 Entrevista para o Projeto Depoimentos, idealizado pela autora e por Maurício Silva e realizado na Escola de Teatro e Dança Fafi. Realização: Instituto de Arte e Cultura Capixaba (IACC), 2004.
- 3 Seu irmão Mauro Fontoura era diretor da Escola Técnica e foi fundador do Colégio Santa Bárbara.
- 4 Lenira lecionou até 2004. Desde então, a filha, Rosana Borges e a neta, Mariana Borges estão à frente da academia, dando continuidade ao trabalho.
- 5 Inaugurado em 1927, o teatro foi arrendado dois anos depois por uma empresa particular para exibição de filmes, com apresentações teatrais esporádicas. Na década de 1950, voltou a ter mais espaço para arte cênica, mas carecia de reforma e de cuidados.
- 6 Carta enviada para o Projeto Depoimento, op. cit.
- 7 O grupo passou a chamar-se Grupo de Dança Lenira Borges em 1993 e durou até 1996.
- 8 Entrevista para o Projeto Depoimento, op. cit.
- 9 Idem.

1 *Divertissements* (1978, Espanhola), de Helena Lobato. 2 *Samba Brejeiro* (1967), de Lenira Borges; foto: Aloísio Sobreira Lima. 3 *Adagietto* (1979) e 4 *Timesteps* (1979), coreografias de Renato Magalhães. Fotos: acervo Lenira.